

EMPODERAMENTO EM UM GRUPO DE MULHERES DE UM MUNICÍPIO NO SUL DO BRASIL

Flaviane Cristine Troglio da Silva*
Águeda Lenita Pereira Wendhausen**

Resumo

Este estudo teve por objetivo elaborar e orientar uma proposta de discussão crítica (pró-ativa), do cotidiano de um grupo de mulheres em um município no Sul do Brasil, utilizando-se da metodologia do Círculo de Cultura de Paulo Freire. A pesquisa em questão foi de caráter participante em consonância com a metodologia Freireana, que propõe a educação a partir do diálogo. Quanto aos sujeitos da pesquisa foram envolvidas 12 mulheres na faixa etária de 32 a 63 anos, em quatro oficinas com o uso da metodologia do Círculo de Cultura, cujo tema foi o corpo e o cuidado. A análise dos dados foi relacionada às etapas desenvolvidas com as mulheres no Círculo de Cultura e, neste contexto, buscou-se a presença de empoderamento advindo das reflexões sobre as questões trazidas durante o trabalho educativo realizado. Através do levantamento dos temas geradores, da codificação, decodificação e do desvelamento crítico, o grupo pode rever seus conceitos sobre os problemas diários tendo um olhar mais crítico e menos submisso. Em relação aos fatos, pode-se considerar que as oficinas trabalhadas promoveram sensibilização do empoderamento.

Palavras-chave: Mulheres. Círculo de Cultura. Empoderamento.

* Graduada em Psicologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Mestre em Saúde e Gestão do Trabalho (Univali). Professora e Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio - CE.

** Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, docente do Programa de Mestrado em Saúde e Gestão do trabalho da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) Email: <agueda@univali.br>

Introdução

A Estratégia Saúde da Família (ESF) tem oportunizado maior aproximação dos profissionais com os usuários, a partir da adstrição de território e da responsabilização entre equipes e população, de forma a garantir ações de saúde contínuas e de caráter integral (BRASIL, 2006). Nessa perspectiva, a equipe da ESF de um município do sul do Brasil iniciou há quatro anos um trabalho sistemático com um grupo de mulheres, reconhecendo a condição de vulnerabilidade a que estavam submetidas, devido a questões familiares e transtornos como depressão, ansiedade e estresse.

Mais do que garantir o atendimento individual, requerido como demanda espontânea pelas usuárias, sentiu-se a necessidade de fazer um trabalho mais sistemático, por constatar que estas mulheres se encontravam sem perspectivas de vida e em situação de sofrimento frente à condição de submissão em relação a seus companheiros. Um trabalho utilizando os preceitos de Paulo Freire poderia influir em favor de seu empoderamento, ou seja, no fortalecimento de suas capacidades para enfrentar sua condição de vulnerabilidade, proporcionando a essas mulheres maior percepção de si e uma consciência maior do papel protagonista que desempenham no mundo.

Trabalhar com o grupo de mulheres dentro da metodologia de Paulo Freire, poderia ajudá-las a perceber, em termos críticos, o que conforma sua vida, promovendo assim seu reconhecimento de que, se desejarem, é possível fazer mudanças.

Uma das propostas metodológicas de Freire (1987) consiste no “Círculo de Cultura”, por meio do qual os participantes, em diálogo sobre o objeto a ser conhecido e sobre a representação da realidade a ser decodificada, respondem à questões provocadas pelo coordenador do grupo, aprofundando suas leituras do mundo. O debate que surge daí possibilita uma re-leitura da realidade, do que pode resultar o engajamento do participante em práticas pessoais e/ou políticas, com vistas à transformação da sociedade.

Com relação à condição da mulher, Lagarde (apud LISBOA, 2007, p. 170) refere que é quem “mais trabalha; recebe menor retribuição pessoal por seu trabalho; enfrenta mais impedimentos e limitações para alcançar riqueza social; possui mais carências, enfrenta mais privações e satisfaz em menor medida suas necessidades vitais”.

A naturalização dos papéis masculinos e femininos está intimamente relacionada às concepções tradicionais, e ainda atuais, de gênero. Compreendido como uma categoria de análise (como etnia e classe), o gênero é um componente ativo das práticas sociais e, na nossa sociedade, implica na hierarquização entre os sexos, ou seja, no estabelecimento de um lado com poder (homem forte, racional, ativo) e de outro sem ou com o mínimo desse (mulher sensível, emotiva, passiva) (CORTEZ; SOUZA, 2008, p. 171).

Um trabalho que tivesse a intenção de promover o empoderamento das mulheres é importante na medida em que possibilita a estas uma nova visão de vida e, conseqüentemente, novas atitudes frente à vida. De acordo com Vasconcelos (2003), empoderamento significa o aumento do poder e da autonomia pessoal e coletiva, de indivíduos e grupos sociais, interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social.

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família (COSTA, 2000).

O objetivo desse trabalho foi aplicar uma proposta de discussão crítica (pró-ativa) sobre o cotidiano feminino com um grupo de mulheres no município de Entre Rios do Sul (RS), com o uso da metodologia do Círculo de Cultura de Paulo Freire.

O grupo é uma estrutura básica de trabalho e investigação. As forças internas dos grupos implicam sustentação e apoio socioemocional, no fortalecimento das interações emocionais, na comunicação aberta, no compromisso e responsabilidade, na participação efetiva e na construção de uma individualidade crítica (MENEGHEL, 2005).

Este trabalho não propõe supervalorizar o poder dos grupos, mas recolocar sua importância, bem como estabelecer seus limites, na construção de uma sociedade em que homens se tornem “sujeitos ativos” e não apenas “sujeitos sujeitados” de sua própria história individual e coletiva (ANDALÓ, 2006).

Para isso, quando se pensa em grupo, e, em uma metodologia participativa e dialógica de conscientização para uma participação ativa na própria realidade, é inegável não pensarmos no Círculo de Cultura de Paulo Freire, cuja concepção teórico-metodológica indica potência para a promoção do empoderamento, seja do indivíduo, grupo, seja da sociedade. Conforme Andaló (2006) é no trabalho em grupo que os homens têm a possibilidade de se indagar o “como” e o “por que” de suas condições de existência.

Metodologia

A pesquisa caracterizou-se como sendo qualitativa, que segundo Minayo (1992), engloba uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Acrescentamos que é uma pesquisa que tem inspiração na pesquisa participante, já que se utilizou da metodologia educativa de Freire, pois segundo Haguette (1987), a pesquisa participante possui uma nova relação entre teoria e prática (como ação para a transformação).

O estudo se desenvolveu em um município do Sul do Brasil. Quanto aos sujeitos da pesquisa, foram envolvidas mulheres pertencentes a um grupo da Prefeitura Municipal que na ocasião da pesquisa era coordenado pela primeira pesquisadora. A pesquisa contou também com a participação da extensionista da Emater/RS – Associação Riograndense de Empreendimentos da Assistência Técnica e Extensão Rural (ASCAR). O grupo pesquisado envolveu em torno de doze (12) mulheres, com faixa etária entre 32 e 63 anos, residentes na área urbana e rural do município.

Nossa pretensão foi que, ao dialogarmos e refletirmos com estas mulheres sobre seu cotidiano pudéssemos realizar a pesquisa. Como afirma Brandão (1985) pesquisa participante é um enfoque de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Estes participantes são os oprimidos, os marginalizados, os explorados. Trata-se, portanto, de uma atividade educativa de investigação e ação social.

Foram realizadas quatro oficinas na perspectiva do Círculo de Cultura cujos temas giraram em torno do corpo e do cuidado de si. Essas oficinas foram gravadas em áudio e transcritas logo

após as reuniões. A esse material foram acrescentadas observações livres e notas teóricas e metodológicas. O quadro 01 especifica os sujeitos envolvidos na pesquisa para aos quais foram dados nomes fictícios, os quais serão utilizados como indicativo dos sujeitos nas falas apresentadas nos resultados.

Quadro 01 - Participantes da pesquisa.

NOME FICTÍCIO	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	PROFIS-SÃO	ESTA-DO CIVIL	FILHOS
Ana	59	Ensino Fundamental	Aposentada	Viúva	Cinco
Dora	48	Ensino Médio	Dona de casa	Casada	Dois
Dulce	32	Ensino Médio	Faxineira	Casada	Dois
Elenice	53	Ensino Fundamental	Dona de casa	Casada	Dois
Lia	58	Ensino Fundamental	Aposentada	Viúva	Um
Luci	60	Ensino Fundamental	Aposentada	Casada	Um
Lucia	63	Ensino Fundamental	Aposentada	Casada	Quatro
Mara	61	Ensino Fundamental	Aposentada	Divorciada	Quatro
Nadia	36	Ensino Fundamental	Dona de Casa	Casada	Dois
Nilce	39	Ensino Fundamental	Serviços Gerais	Casada	Dois
Silvia	42	Ensino Médio	Dona de casa	Casada	Um

Fonte: Elaboração das autoras, 2011.

Quanto aos aspectos éticos, o projeto desta pesquisa foi encaminhado primeiramente ao Comitê de Ética da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e foi autorizado sob o parecer nº 304/10. Agregado a este consta o deferimento da declaração de ciência e concordância da Secretária Municipal da Saúde do Município em estudo. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, os sujeitos envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a fim de garantir o sigilo e o respeito ético.

Resultados e discussão

A análise e discussão dos dados foram realizadas a partir do referencial teórico de Paulo Freire e seu Círculo de Cultura para o qual são propostas quatro etapas: levantamento dos temas geradores, codificação, decodificação e desvelamento crítico. Os materiais produzidos nas quatro oficinas foram analisados e discutidos dentro desta metodologia.

Primeiro encontro: identificação do trabalho e levantamento dos temas

Iniciando o Círculo de Cultura e com o intuito de “quebrar o gelo”, trabalhar a apropriação e iniciar a sensibilização, optou-se por uma dinâmica de reflexão da história de vida das mulheres chamada a *História do Nome*. A dinâmica objetivava uma apresentação de forma descontraída e reflexiva sobre a história do nome de cada participante. A atividade foi compartilhada no grupo, o que possibilitou um maior entrosamento entre as componentes, pois mesmo estando juntas há quatro anos, se encontravam apenas vez por mês e nunca haviam trabalhado aspectos tão íntimos anteriormente.

Analisando os dados, observamos que ao relatarem a história de seus nomes, seus apelidos e a forma que gostam de serem chamadas, percebe-se a constituição de maior liberdade entre o grupo, pois, o simples fato de poderem ser chamadas por seus apelidos (o que fazia parte da atividade), ou do modo que mais lhes agrada, gerou maior interação e uma sensação de domínio sobre o “eu” de cada uma, ocorrendo dessa forma um encorajamento, para que estas pudessem transformar seus anseios em algo real, explícito. Manifestando suas opiniões, foi possível, sim, serem ouvidas, entendidas e respeitadas.

Em observância a prática da atividade, Lane (1982) afirma que uma das funções do grupo é definir papéis e a identidade dos indivíduos, de modo a garantir sua produtividade e a mudança social. Refletir sobre a identidade permite que os homens se percebam como tendo um maior controle sobre suas vidas, o que tem a ver com o seu empoderamento.

Iniciou-se a partir da atividade com a história do nome a busca pelos temas geradores. Solicitou-se que cada dupla relacionasse figuras observadas nas revistas aos temas que gostariam que fossem trabalhados nas oficinas. Foi solicitada a escolha de temas que identificassem situações de desconforto em suas vidas, que as preocupassem ou que no momento se caracterizassem como um problema. Tornando-se expressados os temas geradores, se possibilitou o conhecimento das inconformidades, sendo possível assim, em um segundo momento discutir maneiras que possibilitem o surgimento de uma pró-atividade pessoal, em busca de uma maior qualidade de vida.

Para Brandão (2005), o levantamento dos temas geradores são falas que desvelam o mundo em que se vive; um momento comum de descoberta. Descobertas no sentido de conhecer as preocupações e reais necessidades do grupo de mulheres que se irá trabalhar. Na oficina de levantamento dos temas as palavras que mais apareceram no grupo foram: a chegada da “velhice”, as dores do corpo, as mudanças do corpo com a idade, a menopausa e a preocupação com o futuro dos filhos. Diante das narrativas, observamos no momento de suas explicações, que os temas geradores em questão, modificavam suas expressões corporais, tom de voz e postura, caracterizando sentimentos de tristeza e desânimo nas entrevistadas, não somente pelas preocupações vividas no presente, mas também pela insegurança e incerteza de reverter ou amenizar algumas situações.

Desta forma, a importância da identificação dos temas geradores, da procura temática, converte-se numa luta comum por uma consciência da realidade e consciência de si, que fazem desta procura o ponto de partida do processo de educação e da ação cultural do tipo libertador (FREIRE, 2001b).

Pôde-se perceber, no primeiro encontro, que a liberdade de expressão permitiu que o grupo refletisse sobre seus problemas, sendo que em nenhum momento houve interferência das pesquisadoras nas manifestações das mulheres, caracterizando-se, dessa forma, um papel de mediação por parte das pesquisadoras.

Segundo Andaló (2006), mediações são processos facilitadores que possibilitam ao indivíduo apreender o mundo que o cerca em seus significados.

Segunda oficina: a discussão dos temas

A segunda oficina objetivou a continuidade do levantamento dos temas e, se possível sua codificação, segunda etapa da metodologia Freireana. Segundo Freire (2005), na codificação os participantes integram a significação das palavras ou temas geradores em seu contexto existencial, eles as redescobrem num mundo expresso em seu comportamento.

Tendo em vista o que foi exposto pelo grupo na realização da primeira oficina, percebemos a preocupação das participantes no que tange seus próprios corpos, em questões relacionadas à saúde, estética e informação. A abordagem sobre o corpo se destaca, pois possibilita um conhecimento mais amplo sobre o papel das mulheres na vida social, podendo interferir na maneira em que atuam em seu cotidiano e nas relações sociais.

Durante muito tempo na história da humanidade, e até nos dias atuais, o corpo foi e é visto como um bem de dominação social e não como sendo pertencente à mulher. Silveira e Furlan (2003) referem que o corpo, longe de ser um espaço privado do ser, longe de representar o lugar da essência do indivíduo, é perpassado e constituído nas relações com seu tempo, espaço e cultura. É desta forma que o poder alcança a vida, através de posicionamentos discursivos historicamente construídos. Assim, o poder começa no corpo, no disciplinamento deste e talvez por isso o ressignificar o corpo para poder ressignificar o poder/saber sobre suas vidas seja tão importante para o trabalho realizado com o grupo de mulheres, buscando assim, o empoderamento.

Por isso, se faz necessário possibilitar o re-pensar do saber instituído, imposto como sendo verdade, pois nas palavras de Mendes (2008), quanto mais as mulheres aceitam inconscientemente sua própria exclusão, mais parecem naturalizá-la.

Objetivando realizar uma reflexão sobre o tema do corpo, a atividade da segunda oficina foi iniciada distribuindo massinha de modelar para as mulheres e como parte da dinâmica foi solicitado que reproduzissem ludicamente a partir desse material, o corpo ou a parte do corpo que mais as preocupavam.

[...] o meu boneco ficou de braços erguidos pedindo socorro para que eu emagreça, eu fui ao médico sexta-feira e ele me disse imediatamente para emagrecer vinte quilos, pois eu tenho problema de bronquite asmática (informação verbal) (Luci).

[...] fiz minha cabeça bem grande, para pensar coisas positivas, a cabeça e os pensamentos influenciam em tudo (informação verbal) (Dulce).

[...] eu me fiz gordinha, como eu sou, às vezes tem pessoas magrinhas, que vendo são perfeitas, só que às vezes estão cheias de problemas (informação verbal) (Dora).

[...] eu fiz o boneco meio desajeitado, pois me vejo assim com a chegada da menopausa (informação verbal) (Geni).

Tendo em vista a explanação sobre o corpo proposta pela dinâmica, percebemos que as participantes relacionam a causa de suas doenças ao corpo físico. O excesso de peso, as dificuldades respiratórias, os problemas com a postura, são demonstrados como principais motivos de suas insatisfações significadas em suas falas.

As falas das mulheres investigadas expressa o contexto em que foram educadas. Sendo estas, pertencentes a uma pequena comunidade, onde a agricultura predomina como meio de subsistência, a sua educação foi voltada para a constituição da família na idade adulta, sendo negado a elas, por exemplo, acesso a informação e a serviços básicos de saúde. Assim, o desempoderamento se inicia com a submissão das mulheres a partir do corpo, já que para Meneghel (2005), a opressão está creditada à instância biológica e reprodutiva, na medida em que o organismo feminino subjugando a mulher à função reprodutora seria uma das bases sobre a qual se teria construído a subordinação da mulher.

Diante disso, a informação se dá como um aspecto importante do empoderamento. Para Carvalho (2004), o empoderamento grupal (ou comunitário) inclui, portanto, a experiência subjetiva do empoderamento psicológico e a realidade objetiva de condições estruturais que são modificadas no momento em que ocorre a redistribuição de recursos.

A participação em grupos gera oportunidade de compartilhar informações permitindo que as pessoas se apropriem do novo ou se (re) apropriem do que já conhecem, prática importante para o empoderamento. Carvalho (2004) também expõe que o

empoderamento grupal requer, por conseguinte, uma prática que responda simultaneamente à experiência subjetiva da “falta de poder” e que, ao mesmo tempo, contribua para a mudança das condições socioculturais. Através de informações qualificadas as pessoas e os grupos sociais, têm a oportunidade de sair da condição de beneficiário para ser um agente ativo do processo (IORIO, 2002).

Possibilitar uma maior confiança na capacidade pessoal para levar adiante algumas formas de *ação* e resoluções de problemas é o que se espera buscar com as oficinas realizadas, sendo assim, surgem algumas manifestações e dúvidas sobre o corpo e a menopausa.

A partir de algumas manifestações, percebemos a possibilidade de levantar a questão e a reflexão sobre a chegada do envelhecimento e as consequências deste para a mulher. Como parte da metodologia, disponibilizou-se as participantes material sobre os temas: mulheres, envelhecimento e menopausa. Uma das participantes, Silvia se propôs a fazer a leitura do texto, já que as demais não expressaram este desejo. O texto escolhido “Fatores associados à qualidade de vida após a menopausa”⁵, de linguagem simples e de fácil compreensão aborda os fatores biológicos, culturais e psicossociais envolvidos no processo menopausa.

No momento em que uma das integrantes do grupo fazia a leitura do texto, notou-se certo movimento das participantes, que suscitou as seguintes manifestações.

[...] meninas, deveríamos nesse momento poder falar mais de nós mesmas, nos valorizar. Temos pouco tempo para nós e em nenhum momento falamos da importância de estar bem com o nosso psicológico. (Dulce).

[...] hoje em dia não é só alimentação que as pessoas precisam investir? Qualidade de vida é alimentação, porque a gente vê bastante gente falar e eu acho que é uma parte que ajuda também. Mas a mente da gente é a que mais ajuda a nos mantermos bem, porque se a gente pensa só negativo, negativo, negativo! Vai e acontece só negativo mesmo e daí não adianta a gente se alimentar com as melhores coisas se a cabeça da gente está avoada e para baixo. (Nilce).

A descodificação e o desvelamento crítico foram observados no momento em que Dulce e Nilce colocam sobre a importância de repensar a forma de se ver. Freire (2001a) cita que a resposta

5 Lorenzi; Baracat e Padilha (2006)

que um homem dá a um desafio não muda só a realidade com a qual se confronta: a resposta muda o próprio homem, cada vez, um pouco mais e sempre de modo diferente.

O grupo todo concordou com as participantes, explanando que o bem estar próprio, falar dos cuidados para saber lidar melhor com os problemas, como a tristeza e a angústia seria de fundamental importância ser discutido nos próximos encontros.

Nesse encontro pode-se refletir a partir do que foi exposto pelas participantes, em como as mulheres falam pouco das questões que as incomodam, sendo o grupo de mulheres um espaço para falar para outras, sentirem-se identificadas.

Segundo Andaló (2006), em um grupo, cada sujeito reconhece o outro como diferenciado de si e ao mesmo tempo relacionado com ele. No relato das participantes, as mesmas revelam a ansiedade para a chegada do dia do grupo, pois para elas é um momento de diálogo, aprendizado e ensinamentos.

Terceira oficina: um momento de reflexão

Como forma de dar continuidade a oficina anterior, uma técnica de relaxamento foi realizada com as mulheres com o objetivo de manterem um contato diferenciado com seus corpos. A dinâmica “contração muscular” possibilitou um momento de singularidade e de reflexão para quem a realizou, pois permitiu também suscitar práticas reflexivas sobre suas vidas. O refletir associado à descontração muscular permite um envolvimento maior com seu “eu” (corpo/mente). Oliveira (2003) aponta que uma decisão referente à qualidade de vida, alimentação, exercícios, terapias implica informação, reflexão e escolha, buscando conhecer melhor o próprio corpo, cuidar da sua saúde e de seu bem estar físico e psíquico.

Oliveira (2003), em sua reflexão sobre a importância do tempo, coloca que para a mulher o seu tempo é estilhaçado em devoções, é um tempo de respostas, onde pouco espaço sobra para as perguntas que quer fazer a si mesma. Sendo assim, o momento de reflexão permite que a mulher pense em sua vida, questione seus problemas e conseqüentemente busque possíveis soluções para estes.

Após 15 minutos de relaxamento, seguiu-se a oficina solicitando que se dividissem em duplas e se iniciou a dinâmica do “ninar”. O lúdico e a dramatização que compõe essa atividade

aperfeiçoam e auxiliam a compreensão do que se objetiva trabalhar, que foi o “deixar-se ser cuidada”.

Essa atividade possibilitou um trabalho inter e intrapessoal, pois envolveu a confiança e a cumplicidade do grupo. Propiciou que as componentes do grupo visualizassem a importância do cuidado e o do permitir ser cuidada. Sabe-se que a mulher ao longo do tempo adquiriu culturalmente a incumbência do cuidar. O cuidar dos filhos, da casa, do marido. Porém, ao mesmo tempo se excluiu desse cuidado, do cuidado dela mesma e do deixar ser cuidada pelos outros. O trabalho relacionado com a confiança liberta a mulher de ser a “super-mulher” que pode tudo e que tem a responsabilidade de fazer tudo, permitindo que abdique e delegue algumas responsabilidades para o outro.

Considerando o exposto, Costa (2000) coloca que, geralmente, as mulheres são vistas e tratadas apenas como provedoras do bem-estar da família ou como meio de bem-estar de outros, como mães e esposas, nunca como sujeitos autônomos com demandas próprias.

Finalizadas as dinâmicas, o grupo expôs suas percepções sobre o que havia sido realizado. Uma das participantes relatou que há muito tempo não havia “se sentido tão bem consigo mesma”, sendo que as duas atividades desenvolvidas retomaram a importância do cuidar-se.

Em seus depoimentos, as mulheres dizem que nunca ou raramente se cuidaram, que nunca ou raramente tiveram a experiência de se cuidar. Além de não terem experimentado o se autocuidarem as mulheres tendem a pensar que o cuidado, que deve ser dos outros também é somente feminino. Seguindo essa reflexão, Oliveira (2003) coloca que na longa lista de emprego do tempo da mulher, vem o cuidar dos filhos, dos idosos, do companheiro, eximindo-se do tempo para cuidar dela mesma, personagem secundária, última coadjuvante de sua própria vida.

A descodificação e o desvelamento crítico propostos por Freire (2001a) eclodiram através dessa atividade. Nas falas das participantes ficou explícita a visualização de suas atitudes, a percepção destas e o pensar em tornar diferente o seu cotidiano envolvido em alguns momentos por sentimentos de desvalorização, falta de atenção, doação e abdicção. Cotidiano esse, muitas vezes construído a partir de conceitos e ideias impostas culturalmente nas relações de gênero. Oliveira (2003) coloca que a prolongada anulação do valor civilizatório da vida privada conseguiu o prodígio

de fazer com que todos acreditassem que o papel das mulheres na construção da civilização fora simplesmente a ausência.

As respostas coincidiram com os objetivos, que eram: aproximar o grupo e demonstrar a importância da própria valorização, o que se deu através do ato de “ninar”. Quando se inicia um processo de valorização, de se autoavaliar e de se perceber, isso pode possibilitar a conscientização e uma provável mudança em sua forma de ver e viver a vida e conseqüentemente de se relacionar com os outros, possibilitando assim a tomada de poder (empoderamento) nos relacionamentos.

A mulher, em função de uma construção histórica, geralmente não encara o seu autocuidado como sendo uma forma de poder. Em muitos momentos pode-se perceber que as mulheres não exercitam esse poder, essa conscientização de sua autonomia justamente por não identificarem essa questão como sendo problema, justamente em devido ao papel naturalizado que é atribuído a mulher como cuidadora.

Iório (2002), ao realizar uma análise da relação do poder de alguns e a perda do poder por outros através do empoderamento, expõe que esse processo não significa inicialmente perda para outros, embora possa, em seu final, produzir mudanças para alguém. Contudo, é importante perceber que a perda de poder nestes casos não é necessariamente prejudicial para quem perde. Existem inúmeros exemplos onde mudanças nas relações de gênero trazem benefícios para os homens também.

E é justamente o que algumas das mulheres necessitam, de mudanças nas formas de estrutura familiar, para que possam se sentir menos sobrecarregadas. A possibilidade de mudanças nas relações de gênero nesse sentido, permite benefícios para a vida de mulheres e homens.

Dando continuidade as reflexões, para a última atividade do dia foi orientado que as mulheres observassem e escrevessem em uma folha características próprias, pontos positivos e negativos que acreditam possuir e na seqüência solicitou-se que dividissem tais características em: as que facilitam a vida e as que dificultam a vida.

A dinâmica propiciou uma auto-observação e uma análise de quais características que possuem as fazem sentir-se bem e as que não as fazem. Essa atividade possibilitou também refletirem sobre o que produziram coletivamente. Colocar no papel sobre suas características e analisá-las proporcionou a identificação de

problemas. Parafraseando Oliveira (2003), problema só encontra solução quando reconhecido como tal. A visualização das características consideradas “negativas e positivas” possibilitou o reconstruir suas vidas através do reconhecimento de que a mudança deve partir delas e não do outro. Sá (2001 apud MENEZES, 2005) afirma que perguntar sobre limites e possibilidades de construção de projetos coletivos é perguntar sobre os limites e possibilidades de se viver/conviver e trabalhar em grupo. Essa oficina possibilitou o pensar, o re-pensar, o ouvir, o falar e assim construir/re-construir estratégias de empoderamento.

Quarta oficina: despedida

Na ocasião da quarta oficina, as pesquisadoras convidaram o grupo de mulheres a retomar os encontros anteriores solicitando que as participantes lembrassem as atividades realizadas:

[...] pensamos nas coisas que nos facilitam a vida e as que atrapalham. Coisas nossas, fui para casa aquele último encontro e me políciei, percebi que eu que tenho que mudar e não esperar dos outros (informação verbal) (Dora).

Através da exposição das participantes podemos verificar a presença do empoderamento, pelo fato de que houve uma mudança em suas atitudes e modo de compreensão dos problemas. A percepção das mudanças a partir das próprias mulheres possibilita uma alteração em toda a dinâmica das pessoas que vivem a sua volta. Costa (2000) afirma que o processo de empoderamento da mulher traz a tona uma nova concepção de poder, assumindo formas democráticas, construindo novos mecanismos de responsabilidades coletivas, de tomada de decisões e responsabilidades compartilhadas.

Objetivando uma avaliação na visão das mulheres dos encontros realizados, buscou-se uma forma lúdica para compreender a partir de seus pontos de vista como elas vivenciaram as oficinas. Foram distribuídas folhas de avaliação contendo desenhos de olhos: olhos alegres, tristes, preocupados, desanimados, decepcionados, emocionados. Solicitei que as mulheres fizessem um círculo no desenho dos olhos que identificava o grupo, a participação do grupo nas atividades realizadas e um X no que identificasse a própria participação nesse grupo.

O relato das mulheres foi importante pelo fato de revelar o comprometimento e a transformação alcançada no grupo. Na explanação das participantes identificamos que cada uma codificou/descodificou de uma forma o que foi realizado, sendo que o desvelamento crítico esteve presente em vários momentos das oficinas, como a mudança de atitude, como mostra a fala da participante:

[...] o círculo fiz no olho que representava indignação, indignação de como estávamos vendo nossa vida antes das oficinas; indignada porque esperava demais dos outros e tenho que fazer mais por mim mesma. E o X fiz no olhinho que representa a felicidade, estou radiante comigo mesma agora. (Dora).

A conscientização e a transformação aconteceram. Nas palavras de Meneghel (2005) a transformação sempre acontece, e mesmo que esta não seja duradoura, mesmo que seja pequena, possibilita uma situação de mudança.

A avaliação das oficinas realizadas à luz do empoderamento foi satisfatória, pois ao se trabalhar a partir das necessidades elencadas pelas mulheres em torno dos temas discutidos vislumbrou-se um repensar na história delas mesmas, conseguiu-se realizar a educação problematizadora que segundo Freire está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeira sobre a realidade.

Provavelmente algumas mulheres não irão revolucionar sua história, seu cotidiano e seu fazer sobre os acontecimentos. Contudo, aquelas que participaram em todos os momentos das oficinas se permitiram um novo contato com a realidade, a partir do pensamento crítico. Nesse processo algo se modificou. Nas palavras de Freire (2001a), o ponto de partida para a mudança deve estar sempre nos homens, no seu aqui e agora, que constituem a situação em que se encontram, somente partindo dessa situação – que determina a percepção que eles têm – podem começar a atuar.

A última questão levantada ao grupo foi: *o que se leva para a vida a partir do que foi realizado nesses encontros?*

Algumas participantes ao exporem suas opiniões enfatizaram, por exemplo, a exemplo de Nadia ao falar que leva a amizade que se construiu no grupo e a sensação de pertencer à comunidade. Elenice relata que leva a reflexão de mudança, mudança nas suas atitudes e convivência com as pessoas que vivem ao seu redor, mudança que cabe a ela mesma para ter a mudança dos outros.

Silvia, por outro lado, afirmou que o encontro foi maduro, que aprendeu assuntos que não pensava antes, ou, segundo ela mesma: “reaprendi, pois sabia e não realizava”.

Considerando as manifestações acima, pode-se perceber que no *feedback* das mulheres, as palavras que mais apareceram foram: amizade, aprender/re-aprender, mudanças. Analisando esse retorno dado pelas participantes verificamos que essas palavras estão diretamente ligadas ao empoderamento. Ou seja, as falas das mulheres do grupo mostraram que as atividades realizadas possibilitaram um controle maior sobre as decisões e atitudes que afetam suas vidas e as oportunidades reais que têm a seu favor.

Quando nos referimos a empoderamento nos baseamos nos parâmetros citados por Stromquist (1997 apud COSTA, 2000), que são: a construção de uma autoimagem e confiança positiva; o desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente; a construção da coesão de grupo; a promoção da tomada de decisões e a ação. Tomando como ponto de partida os parâmetros propostos pelo autor, verificamos o empoderamento no grupo em questão.

O exposto acima pode ser relacionado ao que Freire (1974), refere como emancipação que, como processo e resultado, pode ser concebida como emergindo de um processo de ação social, no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação de relações sociais de poder.

Através do pensamento crítico, passam a questionar e redefinir seus papéis perante os outros. Esse processo de acordo com Macedo Filho e Regino (2006) faz parte do empoderamento das mulheres, na qual estas ganham influência e controle sobre suas vidas e buscam melhorar suas condições sociais e transformar as relações de poder.

As oficinas realizadas nesses quatro encontros, a partir das explicações das mulheres e do trabalho das pesquisadoras, propiciaram um “novo” olhar sobre a vida. Um olhar mais crítico e menos submetido. Uma conscientização de que a mudança depende também da pessoa, revendo seus valores, seus costumes de forma que esta possa assumir progressivamente a sua autonomia e se tornar ativa na busca de soluções para os problemas enfrentados no cotidiano.

Considerações finais

Como se observou por vários séculos, a desvalorização e a submissão da mulher ainda está presente em nossa sociedade, fato que não é diferente no município em questão.

As oficinas realizadas concretizaram o Círculo de Cultura idealizado por Paulo Freire. O Círculo de Cultura proporciona uma reflexão dialógica sobre o mundo, aonde todos aprendem e ensinam. As etapas desse método são: levantamento dos temas geradores, codificação, decodificação e desvelamento crítico.

Na primeira oficina buscou-se delinear a identidade pessoal e coletiva do grupo e a importância para o processo de pertencimento e comprometimento nos encontros a serem realizados. Concomitantemente se procurou identificar as palavras geradoras através de dinâmicas e colagens de figuras. Os temas geradores identificados nesse encontro foram o corpo, a chegada da velhice e suas consequências.

No segundo encontro, os temas geradores continuaram a surgir. Nessa oficina foi trabalhado o corpo e a importância do ressignificar o mesmo para a mulher como forma de poder e autonomia. A codificação, uma das etapas do Círculo de Cultura, foi concretizada no momento em que as participantes visualizaram suas vidas nos temas geradores levantados.

A identificação de um novo tema gerador proporcionou um momento reflexivo do grupo. O tema do cuidar e do autocuidado apareceu com as dinâmicas propostas no terceiro encontro. Essa atividade emergiu a decodificação e o desvelamento crítico em várias mulheres, pois o reconhecimento e a busca de mudanças no ato de se cuidar foram explícitos nesse dia.

O quarto e último encontro tiveram como objetivo realizar uma autoavaliação da participação das mulheres nesse trabalho. Também se buscou identificar as mudanças ocorridas nesse processo na visão das mesmas, onde se percebeu nas falas das participantes uma maior conscientização de seu papel no mundo e possibilidades de mudanças.

Fazendo uma reflexão mais aprofundada sobre o grupo e a realização da educação problematizadora verificou-se que houve alguma conscientização e transformação nas mulheres. A partir das falas e do *feedback* das mesmas pode-se perceber mudanças em sua visão de mundo e de suas próprias histórias. Scott (1990) afirma que o conceito de gênero mostra que a partir das diferenças

biológicas se criam comportamentos, valores e atributos para homens e mulheres, que caracterizam o masculino e feminino socialmente aceito. Esse conceito de “socialmente aceito”, do que é imposto culturalmente, se transformou na visão das mulheres participantes do grupo. A sensibilização ao empoderamento ocorreu a partir do fato de perceberem que podem ser autônomas e se conscientizarem que as mudanças podem ocorrer a partir delas mesmas.

As mudanças observadas nas falas e atitudes no grupo de mulheres estudadas evidenciou que o objetivo desse trabalho, elaborar e orientar uma proposta de discussão crítica (proativa), do cotidiano feminino com o uso da metodologia Círculo de Cultura de Paulo Freire foi realizado.

A mulher “dominada” existe se ela permitir, se aceitar o que lhe é imposto e o que ela mesma lhe impõe. Nas palavras de Freire (2001a), a conscientização é mais que uma simples tomada de consciência. Supõe, por sua vez, o superar a falsa consciência e uma melhor inserção crítica da pessoa conscientizada numa realidade desmistificada.

O oportunizar a fala e reflexão do corpo, o sentimento de união, a amizade concretizada está relacionada com o empoderamento grupal. Como cita Carvalho (2004), no processo de “*empowerment*” grupal observa-se a presença de fatores situados em distintas esferas da vida social. Estão presentes microfatores encontráveis no plano individual, a exemplo do desenvolvimento da autoconfiança e da auto-estima; na mesosfera social encontramos estruturas de mediação nas quais os membros de um coletivo compartilham conhecimentos e ampliam a sua consciência crítica.

A relação existente entre o empoderamento individual e grupal foi percebido no grupo de mulheres, ou seja, a união, a amizade e o companheirismo alcançados se fortaleceram e instauraram nas mulheres a auto-confiança, a auto-estima, ou seja, o empoderamento individual.

Por fim, a educação crítica proposta por Freire foi realizada, o diálogo e a troca de experiências ocorreram assim como a sensibilização ao empoderamento. O ensinar a aprender e o aprender a ensinar foram concretizados. Parafraseando Freire, na educação problematizadora o mediador/professor deve se comprometer num pensamento crítico e numa procura de mútua humanização.

Referências

ANDALÓ, C. **Mediação grupal**: uma leitura histórico-cultural. São Paulo: Agora, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CARVALHO, S. R. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de promoção à saúde. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 1088-1095, jul./ago. 2004.

CORTEZ, M. B., SOUZA, L. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 24 n. 2, p. 171-180, 2008.

COSTA, A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. NEIM/UFBA, 2000.

DE LORENZI D. R. S.; BARACAT E. C.; PADILHA JR I. Fatores associados à qualidade de vida após a menopausa. **Revista da Associação de Medicina Brasileira**, Caxias do Sul, 52 (5): p. 312-317, 2006.

FREIRE, P. **Uma educação para a liberdade**. Porto, Portugal: Textos Marginais, 1974.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001a.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001b.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIEDMANN, J. **Empoderamento**: uma política de desenvolvimento alternativo. Oeiras: Celta, 1996.

HAGUETE, T. F. **Metodologia qualitativa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

IORIO, C. Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de direitos. In: **Empoderamento e direitos no combate a pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid, 2002.

LANE, S. T. M. Processo grupal. In: _____. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LISBOA, T. K. **Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis, Chapecó: Argos, 2003.

MACEDO FILHO, R.; REGINO, F. A. **O empoderamento das mulheres do sertão: uma experiência de associativismo e desenvolvimento rural**. 10p. 2006. Disponível em <http://www.alasru.org/cdaldasru2006/01%20GT%20Renato%20Macedo%20Filho,%20Fabiane%20Alves%20Regino.pdf>. Acesso em: 25 set. 2010.

MENDES, M. A. **Gênero e poder no âmbito da chefia feminina: uma proposta teórica de análise**. *Revista Eletrônica de Ciências Veredas Favip*, Caruaru, PE, v. 1, n. 1, jan./ jun. 2008.

MENEGHEL, S. N. Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(1): p.111-118, 2005.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec-Abrasco, 1992.

OLIVEIRA, R.D. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SILVEIRA, F., FURLAN, R. Corpo e alma em Foucault: postulados para uma metodologia da psicologia. *Revista de Psicologia da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v.14, n.3, 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul./dez, 1990.

VASCONCELOS, E. M. **O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias**. Rio de Janeiro: Paulus, 2003.

EMPOWERMENT IN A GROUP OF WOMEN OF A TOWN IN THE SOUTH OF BRAZIL

Abstract

This study aimed to develop and implement a proposal for a critical discussion (proactive) of a women's group everyday life from a town in the south of Brazil, using the Culture Circle methodology of Paulo Freire. The research in question was participative and aligned to Paulo Freire's methodology, which offers education from the dialogue. The research subject was a group of 12 women between the ages of 32 to 63 years old, in four workshops with the use of the Culture Circle methodology, which theme was the body care. The data analysis was related to the stages developed with women in the Circle of Culture, and in this context the presence of empowerment arising from reflections on the questions raised during the educational work was sought. Through the survey of generative themes, encoding, decoding and critical unveiling, the group may revise its views on the everyday problems with a more critical and less submissive point of view. In relation to the facts, one can consider that the workshops showed a significant transformation on the empowerment.

Keywords: Women. Circle of Culture. Empowerment.